

O
BIBLIOTECA BIBLIOTECA BIBLIOTECA BIBLIOTECA

CORPO

DAMPALVRA

O CORPO DA PALAVRA

ESCULTURA

8 de Setembro a 31 de outubro 2008

Autores/Escultores

Volker Schnüttgen
Jorge Pé-Curto
Vitor Ribeiro
Rui Matos

Biblioteca UNL - *Campus* de Caparica

Horário para o período da exposição:

De 2^a a 6^a feira das 9:00h - 20:00h

Ficha Técnica

Director Biblioteca UNL

José Moura

Coordenação

José Moura, Ana Alves Pereira, Anabela Seita, Ana Isabel Ribeiro

Concepção e Design

Camy - Gabinete de Design da FCT/UNL (08)

Colaboração

Biblioteca/Casa da Cerca

ISBN -----

Depósito Legal 000000000

Em Julho de 2006, três escultores aceitaram um desafio e “partiram” e “transformaram” grandes blocos de pedra bruta nos jardins da FCT. Ficaram três esculturas, que mudaram definitivamente o exterior do Campus: “Equilíbrio Instável”, “Figura Cindida com Ave” e “Pontos de Vista”, são as peças que fazem hoje parte do nosso quotidiano. O Workshop de Escultura não só sensibilizou os utentes deste espaço para manifestações de arte pública, como criou também uma atitude cada vez mais exigente e responsável em relação aos aspectos urbanísticos do *Campus*... de ano para ano é notória a requalificação do espaço exterior.

Dois anos passados, **Volker Schnüttgen** junta-se a **Jorge Pé-Curto**, **Vítor Ribeiro** e **Rui Matos**. Ferro, calcário, ardósia e celulose são **letras** que, expressas em materiais variados (metal, pedra e madeira), dão **corpo a palavras** que falam, gritam e explodem em frases escultóricas. Não se pode recusar o diálogo que é forte e intimista. Os desafios são grandes e a variedade de propostas enorme. As peças mostram bem as múltiplas valências dos autores aqui presentes. Volker Schnüttgen, transmite na modulação macia da madeira, grafismos eloquentes e extravasa para o metal duro; Jorge Pé-Curto, num figurativo às vezes naif, às vezes ritual, interroga e escrutina a nossa curiosidade, Vítor Ribeiro liberta palavras orgânicas; e finalmente, Rui Matos, explorando a continuidade da ardósia, lança novas propostas em metal, em peças de grandes dimensões.

A Biblioteca UNL no *Campus* de Caparica está orgulhosa de ser o espaço escolhido para a exposição de escultura “**Corpo da Palavra**”. Os quatro escultores propõem-nos uma visita a elementos escultóricos que se estendem do interior para o exterior do edifício. Artistas plásticos reconhecidos, desenvolvendo actividades em cerâmica, pintura, cartaz e gravura, apostam forte na escultura, nesta exposição.

Com cerca de 1,8 km de estantes em livre acesso, 3 km em depósito, 67 000 livros e 1 400 periódicos (dos quais 350 online) pode-se imaginar o número de **letras/palavras** contidas na Biblioteca: **letras/palavras** que guardam saberes, neste caso, maioritariamente científicos e tecnológicos, mas também artísticos, humanísticos e literários.

Com as **palavras** (a falar) é que nos entendemos! Neste caso são **corpos** escultóricos que nos transmitem **palavras** diversas em materiais também diversos. Por isso, **palavras**, ainda mais interiorizadas e interrogativas, que merecem a nossa atenção para as entendermos (ouvirmos)...

José J. G. Moura
Director Biblioteca

Fernando J. Santana
Director FCT

O Corpo da Palavra ou *As Cumplicidades da Pedra*

Os catálogos das exposições são os registos que as tornam perenes. Dão visibilidade às obras expostas, informam sobre os seus autores, vinculam o projecto expositivo a um espaço determinado. A estes elementos juntam-se, regra geral, textos – institucionais, de enquadramento e de leitura (crítica) do conjunto dos trabalhos apresentados. Contudo, auscultar e questionar as obras nem sempre garante a sua compreensão plena nem uma aproximação assertiva às mesmas e aos seus protagonistas. Dar-lhes a palavra, construir um discurso directo, é assim uma forma de minimizar os riscos de uma leitura desfocada, é criar condições para que as palavras dos artistas fluam e abram novos caminhos de entendimento ao seu próprio trabalho. Foi por estas razões que, neste catálogo, se tomou esta opção.

A conversa a cinco foi programada para uma tarde quente de Junho, na Casa da Cerca. Durante cerca de hora e meia muitos foram os temas abordados, mais próximos ou mais distantes desta exposição. O texto que se segue procura assim fixar o que se entende como mais pertinente para este projecto expositivo no qual são mostradas, em simultâneo, obras de 4 escultores: Jorge Pé-Curto, Vítor Ribeiro, Rui Matos e Volker Schnüttgen.

A ideia da exposição surge...

a partir do workshop realizado no Campus de Caparica da Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologia, em 2006. Deste então estava em aberto o convite para que os três escultores envolvidos – Jorge Pé-Curto, Vitor Ribeiro e Rui Matos – aí realizassem uma exposição. Surgiu depois a ideia de juntar mais um escultor, Volker Schnüttgen. Porque o espaço disponibilizado para a exposição o permitia, mas sobretudo *“porque somos todos amigos dele, participámos em conjunto vários workshops e gostamos do trabalho dele”*, clarificou Vitor Ribeiro.

O título...

é o que une toda a exposição, assim justificado por Rui Matos: *“nós somos quatro escultores que temos relações de amizade e de trabalho, portanto, uma série de cumplicidades. Mas, somos quatro escultores completamente diferentes uns dos outros, não há uma unidade, cada um é um autor”*. Havia, por isso, que encontrar uma lógica que congregasse o sentido desses vários fazeres, um tema abordado a partir dessas mesmas diferenças ao qual está também subjacente a preocupação da sua adequação e articulação ao local onde se realiza a exposição – uma Biblioteca. Assim se explica *“O Corpo da Palavra”*, ou seja, a relação estabelecida *“entre o «corpo» que é o objecto, a escultura e, as «palavras» ou as frases que nós lhes podemos juntar”*. Neste sentido torna-se imperativo *“cada um de nós atribuir uma frase, uma palavra ou um texto a cada peça”*, relacionar o objecto com algo escrito.

As cumplicidades...

são visíveis ao longo da nossa conversa nos olhares, nos risos, no pegar e terminar a frase do outro. *“Somos da mesma geração”*, factor comum consensualmente reconhecido pelos quatro. Para Vitor Ribeiro, *“a pedra”* também é um elemento aglutinador pois todos já a utilizaram ou continuam a utilizá-la. Para Volker, que considera importante os anos que já trabalharam em conjunto, em simpósios ou em exposições, por exemplo, há outro factor a ter em conta: *“além de cada um ter um trabalho muito específico, somos ainda escultores da matéria prima, de matérias duras. Acho que isso é comum a todos”*. Rui Matos, continuando esta ideia, acrescenta: *“Ainda somos escultores românticos!”*. Ou seja, reconhecendo o distanciamento de uma metodologia e prática anglo-saxónica, diz: *“Nós ainda estamos numa fase em que temos o conceito dum peça, fazemos um percurso e, quando chegamos ao fim, a peça pode resultar ou não. Temos esse factor romântico. Não temos todo o percurso previamente estabelecido e delineado”*.

A criação dos corpos...

parte de ideias e conceitos que, no final, nem sempre resultam. Nunca se controla todo o processo criativo que assenta num *“diálogo permanente com a matéria”*, como refere Pé-Curto. *“É um processo aberto. Cada um trabalha as formas que descobre durante o trabalho, seja pedra ou madeira e que, depois, segue”*, explica Volker. *“Nalguns casos as peças tornam-se objectos de estudo durante o seu próprio percurso. É um trabalho directo durante o qual decidimos muita coisa”*, acrescenta Vitor Ribeiro.

Esta poderá ser, afinal, uma outra cumplicidade. Porque, independentemente de ser em pedra, madeira ou bronze, todos realizam uma *“escultura de modelação, ou seja, pegar no material e modelar, dar-lhe a forma é uma coisa que quase ninguém faz hoje em dia, e isso é uma coisa que nós ainda fazemos mas de maneiras completamente diferentes”*, clarifica Rui Matos.

Nem sempre desenhavam previamente. Vitor Ribeiro desenha, por vezes, directamente na pedra. Outras vezes, vai *“à procura de uma pedra que dê para fazer”* aquilo que idealizou. A escolha dos materiais implica-se directamente no seu resultado final, quer a nível formal quer de acabamentos mas a linguagem, a identidade do autor, continua a ser reconhecível.

Pé-Curto, no seu processo de trabalho, não prescinde do desenho que é sempre o seu início. Nunca parte *“para uma escultura sem fazer uma maquete, mesmo que de uma forma muito rudimentar (normalmente utilizo plasticina), porque tenho a necessidade de ver o volume antes de partir para uma escultura”*. Já Rui Matos vai apontando as ideias que lhe surgem – *“Tenho em casa umas resmas de pequenas coisas, de pequenos desenhos, de pequenas ideias e pequenas palavras, que são para mim algo de muito pessoal”* a que recorre quando *“procuro soluções ou procuro coisas”*. É uma *“base”* que depois *“entra em diálogo com os materiais que eu vou utilizar e com o processo, com o que vou fazendo na altura”*. Neste sentido, Pé-Curto acrescenta ainda: *“No meu caso, como disse, a minha escultura começa muito pelo desenho mas quase nunca é um processo imediato. Ou seja, eu também faço isso, faço desenhos que vou guardando e, muitas vezes, as esculturas que faço são desenhos que já fiz há muito tempo e que na altura não vi como sendo viável fazer aquilo em escultura, mas depois há uma altura em que o descubro”*. Também Volker recorre a desenhos que vai juntando, neles procurando soluções para peças nas quais está nesse momento a trabalhar, registos gráficos de temas escultóricos que mais tarde recupera sendo este *“um caminho muito pouco consciente”*.

A escala e a arte pública...

Rui Matos gosta de trabalhar em grande escala, o que coloca um problema já que estas peças só podem ser realizadas por encomenda. Nesse caso *“há sempre um tema pré-estabelecido e eu gostaria de ser convidado para*

realizar uma escultura de autor para sítios públicos e tenho pena que isso seja raríssimo". Para Volker esse é um dos problemas da arte pública porque "há muita gente a decidir. Uma peça para um particular basta ser ele a gostar. Na arte pública há sempre uma justificação política", o que não incomoda Rui Matos já que para ele esse tipo de esculturas "têm que ser comemorativas" e "a escultura comemorativa sempre existiu e sempre há-de existir". Diz Pé-Curto que a escala é uma "questão própria da escultura que não se coloca da mesma maneira no caso da pintura. No entanto, seja qual for o conceito que se utilize, é sempre um desafio que se coloca seja qual for a forma como é resolvido. É um desafio que se põe à escultura que pode, exactamente, falhar por aí".

A escultura tem uma adequação directa com o espaço envolvente. Por isso uma rotunda, como afirma Vitor Ribeiro, "é o pior sítio para se colocar uma escultura". Mas, Volker afirma que, apesar de tudo há "outra leitura que funciona" pois "uma escultura numa rotunda tem uma leitura como um logótipo, vê-se por segundos e reconhece-se qualquer coisa, uma mensagem". Porém, "quando se trabalha como nós trabalhamos muitas vezes, uma superfície com subtilezas, numa rotunda isso não é legível em dois segundos e passa a ser um desperdício de trabalho, de energia e de sensualidade".

Para Pé-Curto, em Portugal, a questão da arte pública inverteu a ordem de dois factores, ou seja, "a sensibilidade para a arte pública deveria vir a seguir a uma qualificação do espaço urbano e a uma consciência da sua valorização, o que ainda não existe. Por isso, não há sítios para pôr escultura e recorre-se às rotundas porque é o melhor que se arranja". Retomando aspectos da escala associada à arte pública, Volker aborda a questão da "escala humana" no que diz respeito à escultura figurativa. Para que esta funcione no espaço público tem de ser maior mas "depois chega-se a uma escala que é a monumentalidade, muito utilizada nos sistemas totalitários e perde-se um conceito humanista".

Os Simpósios...

são momentos importantes no trabalho destes escultores, gerando e exercendo uma espécie de pedagogia activa, facilitadora da aproximação dos cidadãos às obras colocadas no espaço público. Isto porque, como refere Volker, "hoje em dia um simpósio é mais um evento de atelier aberto onde o público participa na criação de uma peça". Sendo, na sua maioria, promovidos e organizados pelas Câmaras Municipais, tem forçosamente que existir um resultado final, o que não tem que ver com a origem da criação dos simpósios. Estes eram "mais uma discussão, onde as pessoas discutiam um tema e tinham ou não um resultado" e hoje, "ao fim de três semanas temos que ter um objecto e não há muito tempo para discutir as coisas fundamentais da escultura de cada um", são, sobretudo, eventos de animação cultural, completa ainda Volker. No entanto, como refere Vitor Ribeiro, quando funcionam bem e se obtêm bons resultados "e as pessoas vêem nascer ali as obras, do ponto de vista afectivo ficam muito mais ligadas a elas". Este aspecto é sublinhado tanto por Rui Matos, que vê nos simpósios também essa importância, pois

quando as pessoas vêm nascer e trabalhar uma obra passam a ter *“outro respeito, outro envolvimento e a escultura acaba por ter outra aceitação”*, como por Pé-Curto para quem *“a ideia de aceitar ou não uma obra passa sempre pela informação que se tem sobre ela. Se a virem fazer já têm essa informação”*.

Ainda o workshop de 2006...

que assinala um momento de viragem no entendimento dos espaços exteriores do próprio Campus e uma diferente tomada de consciência no sentido da sua qualificação. Tudo começou com a escultura de Vitor Ribeiro, colocada no novo edifício da Biblioteca da Universidade, e que abriu a possibilidade de intervenção no exterior. Foi então organizado o workshop e foram dadas diversas possibilidades de colocação das obras depois escolhidos pelos escultores participantes – Jorge Pé-Curto, Vitor Ribeiro e Rui Matos. Esta iniciativa é por todos reconhecida como fundamental, sendo reveladora, para Rui Matos, de *“uma atitude nova numa Universidade que mostra aos alunos que o conhecimento é algo de pluridisciplinar, onde existem várias divergências, várias maneiras de pensar”* e de representar as coisas. Volker, apesar de não ter participado neste workshop, sublinha a sua importância já que uma Universidade e particularmente uma Biblioteca *“é mais que um conjunto de livros, é um lugar cultural que está aberto para todas as artes e isso é muito interessante”* já que confere uma dimensão humanista, ou seja, plural e abrangente, ao conhecimento que tende, actualmente, a ser cada vez mais especializado. A arte que com regularidade e de acordo com critérios de rigor e qualidade se dá a ver na Biblioteca, é assim uma dimensão fundamental de abertura ao mundo, uma possibilidade de alargamento de saberes.

Falar sobre a sua obra...

é algo que não é fácil para nenhum destes quatro escultores. À pergunta *“Gostam de falar sobre o que fazem?”*, há respostas como um *“não”* imediato, seguido de *“é mais fácil responder a perguntas do que chegar a um sítio e falar”*, de Vitor Ribeiro ou *“é difícil. Há pessoas que falam muito melhor do que eu sobre o meu trabalho”*, de Rui Matos, ou um *“depende”* de Volker que explica que *“o facto de nós não gostarmos de falar sobre a nossa obra tem que ver com a nossa geração. Nós fomos artistas no momento em que tínhamos obra. Nas novas gerações, por vezes, o discurso é mais importante de que o resultado”* e, esse tipo de afirmação surge, por isso, na ordem inversa. É esta atitude em que *“o discurso suporta a obra”*, como diz Vitor Ribeiro, e que, como acrescenta Rui Matos *“o resultado final não é importante”* que marca o discurso mais actual da prática artística e que estes escultores contrariam pelo modo como trabalham e abordam o acto criativo. Não negando a importância do caminho que vai da ideia à obra,

a sua afirmação artística é revelada pelos objectos que produzem, pelo *corpo* que é aqui sinónimo de *escultura*, de acordo com a metáfora que o título desta exposição comporta.

A visita...

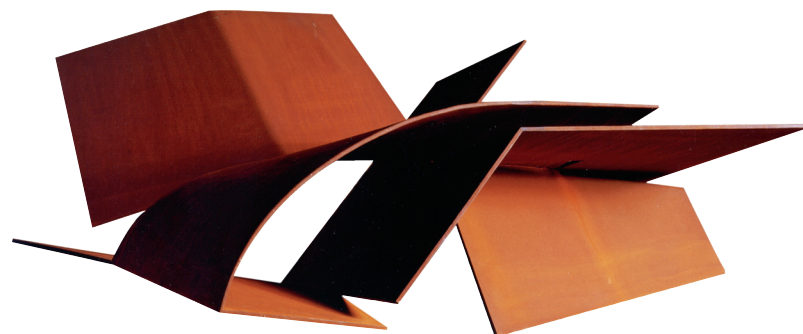
destes *corpos*, encostados às *palavras* que os iluminam e esclarecem, dentro de uma casa imensa repleta de livros nos quais palavras outras se alinham na quietude das estantes, permite a exploração de quatro territórios com identidades próprias e distintas mas que se contaminam na cumplicidade fraterna dos seus autores. No exterior e no interior do edifício, alinham-se mais de duas dezenas de obras realizadas em madeira, em pedra, em ardósia, em ferro, que contém os seus próprios desígnios de ser, que se dão a ver como narrativas coesas entre si, mas afirmando quatro diferentes modos de fazer. São distintos os materiais, as escalas, os pretextos, a poética. E é exactamente na assumpção desta realidade, nos seus percursos pessoais, que estes quatro escultores se revêem nesta exposição. *“As linguagens são bastante diferentes umas das outras. Eu gosto de uma exposição assim, cada um de nós tem características particulares”*, diz Vitor Ribeiro. Também Pé-Curto refere: *“Eu julgo que essa diversidade é um sinal da nossa época. Estamos a viver um tempo de convivências de formas de fazer e a nossa exposição acho que reflecte isso, formas diferentes, mas penso que são legítimas”*.

Ao longo desta conversa foi evidente o reconhecimento que cada um tem do trabalho e da capacidade de fazer de cada um dos outros. É uma relação profissional mas que passa por um respeito mútuo imenso que Vitor Ribeiro tão bem sintetiza – *“O respeito uns pelos outros. Acho que é um grupo que se ajusta mais por aqui, por esse espírito”*.

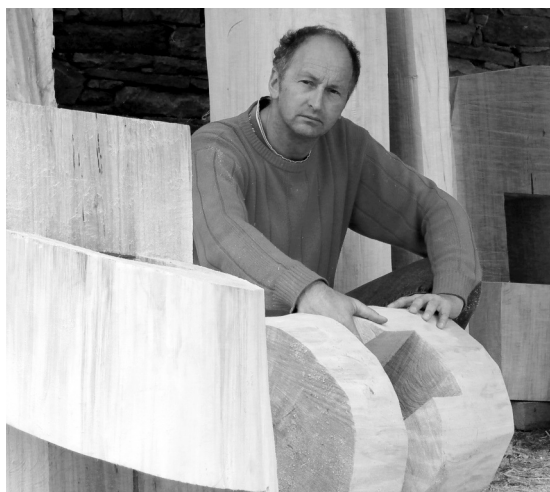
Resta agora visitar esta exposição que só foi possível realizar pela cumplicidade generosa e inovadora com que esta Biblioteca abre regularmente as suas portas às Artes. As vozes dos seus autores que se fixam nestas páginas podem, certamente, contribuir para a desocultação do(s) sentido(s) das obras expostas, acrescentando-lhes uma transparência de entendimento. As *palavras* soltam-se dos *corpos*, destas Esculturas, na procura de um encontro com as memórias de quem as vê e de quem delas agora se apropria, levando-as dentro de si para um outro lugar.

Ana Isabel Ribeiro
Centro de Arte Contemporânea
Casa da Cerca

Volker Schnüttgen



Padrão de Ferro I, 2000, aço corten



na BlackBox; Participação no Projecto MausHabitos-Pinoteca, ARCO, Madrid; **2008** Mestrado Arte Multimédia, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

PRÉMIOS

2005 Sintra, SMAS, 1º Prémio do Concurso Fontanário; **1999** Olpe, Prémio de Cultura; **1998** Werl, 1º Prémio do Concurso Versammlungsplatz Hilbeck; **1997** Amadora, Prémio de Aquisição da 5ª Mostra de Escultura; **1989** Bremen, Premiado no concurso público Arster Steinsetzer; **1986** Stuhr, Premiado no concurso público para um Monumento para o antigo campo de concentração Obernheide.

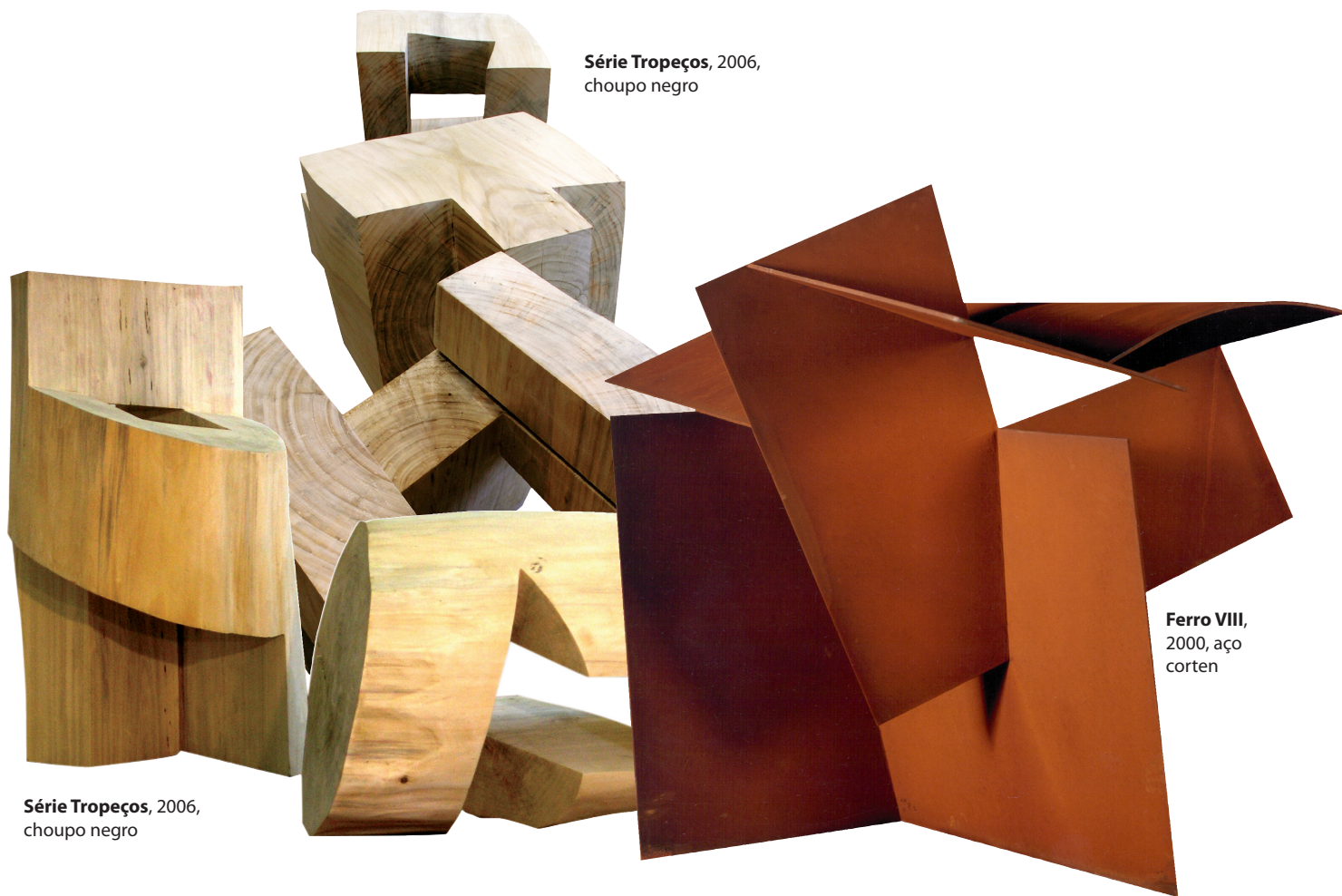
EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

2008 Porto, Galeria Arthobler, HABITAT; **2007** Porto, Cooperativa Árvore Metamorphosis; **2006/07** Castelo Branco, Centro

Cultural de Alcains/ Cantanhede, Museu da Pedra, Mo-numentos; **2006** Macedo de Cavaleiros, Centro Cultural; Siegen, IHK Galerie, Zeichensetzung; **2005** Porto, Galeria Arthobler; **2002** Hannover, Galeria Claudia Böer; Bielefeld, Landeskichenamt; **2001** Berlin, Galeria Mani; Lisboa, Museu de Electricidade; **2000** Attendorn, Verein zur Förderung von Kunst und Kultur; Palmela, Igreja de Santiago, A Ferro e Fogo; **1997** Bad Berleburg, Museu Municipal; Silves, Museu Municipal de Arqueologia e Castelo; **1995** Ganderkesee, Kunstverein; **1993** Attendorn, Kunstverein Südsauerland; Bremen, Galeria Cornelius Hertz; **1992** Lisboa, Galeria Monumental

EXPOSIÇÕES COLECTIVAS e SIMPÓSIOS na Alemanha, Espanha, França, Holanda, Noruega e Portugal.

OBRAS NO ESPAÇO PÚBLICO na Corunha, Amadora, Alfandega de Fé, Attendorn, Aveiro, Bielefeld, Bremen, Câmara de Lobos, Cascais, Évora, Lagos, Maia, Oeiras, Oliveira de Bairro, Olpe, Penafiel, Sintra e Vale de Lobo.



Série Tropeços, 2006,
choupo negro

Ferro VIII,
2000, aço
corten

Série Tropeços, 2006,
choupo negro

Jorge Pé-Curto



Quatro e um lagarto, calcário vidraço



Jorge Pé-Curto nasceu em **1955**, em Moura.

Vive em Almada desde 1965. Começou a frequentar, desde os dez anos de idade, o Centro Artístico Infantil, no Castelo de S. Jorge, de que era mentor o pintor Hermano Baptista. Mais tarde, cursou escultura na Escola António Arroio como bolseiro da Fundação Gulbenkian. Em **1981**, juntamente com outros artistas, fundou em Almada, a IMARGEM, projecto que, entretanto, viria a abandonar. Foi professor do ensino oficial durante 17 anos. Como artista plástico Jorge Pé-Curto desenvolveu actividade na cerâmica, pintura, cartaz e gravura, mas seria na escultura, nomeadamente na pedra, que viria a centrar o seu trabalho. Colectivamente, Jorge Pé-Curto participou desde **1972** em diversas exposições em galerias, instituições várias, espaços comerciais e mostras escultóricas ao ar livre. Desde **1984** expõe individualmente. Da sua autoria são diversos monumentos, situados em várias regiões do país.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

1984 Pintura e Escultura, Galeria Codilivro, Lisboa; **1989** Galeria Escada, Lisboa; **1990** Galeria Ara, Lisboa; **1992** Galeria de Lagos, Lagos; **1993** Galeria de S. Bento, Lisboa; **1995** Galeria Neupergama, Torres Novas; **1996** Galeria Vértice, Lisboa; **1998** Galeria S. Francisco, Lisboa; **2000** Galeria Arte&Mar, Sesimbra; **2000** Galeria Artela, Lisboa; **2001** Galeria Municipal, Barreiro; **2002** Galeria Galveias, Lisboa; **2005** Galeria Galveias, Lisboa.

ARTE PÚBLICA

1984 Em colaboração com Francisco Bronze, Evocação de Fernão Mendes Pinto, Almada; **1985** Monumento ao Pescador, Costa de Caparica; **1986** Mural em Baixo-relevo, Casa Mortuária de Alhos Vedros; **1992** Monumento ao Bombeiro, Sines; **1994** Viagem, Almada; **2000** Intervenções escultóricas em áreas de serviço de auto-estradas: Um Olhar Sobre o Rio, Seixal; **2000** Touro Cindido e Conquistador, Montemor-o-Novo; **2001** Margem Esquerda (Monumento ao Operário), Baixa da Banheira; **2001**



Dois com espinha de carapau, mármore branco

Primeiro as Crianças, Cacilhas; **2004** Em colaboração com outros escultores, Intervenção no Caminho Rural da Fonte Velha, Belver; **2004** Intervenção escultórica na ABORO, Associação de Regantes, Ferreira do Alentejo; **2004** Cabeça de Soldado Romano, 3º Simpósio de Escultura em Pedra de Alfândega da Fé; **2006** Figura Cindida com Ave, Simpósio de Escultura em Pedra da Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNL, Monte de Caparica; **2007** Lobisomem Uivando ao Luar, Simpósio de Escultura de Penafiel; **2007** Monumento ao 25 de Abril, Parque Luso, Seixal; **2007** Monumento ao Fundador, Parque Luso, Seixal.

Combate entre irmãos, calcário vidraço



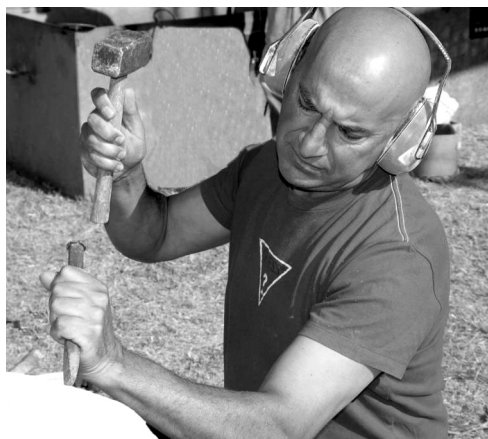
Conquistador com escudo e moca, pedra artificial



Vitor Ribeiro



Tronco das margens do rio II,
brecha de Sº António/ferro



Vitor Ribeiro nasceu no Porto em **1957**.
Formou-se no AR.CO, Lisboa em **1985**.
Vive e trabalha em Mafra.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

2008 Das Margens, Galeria São Mamede, Lisboa; Através do tempo, Casa da Cerca, Almada; **2003** A minha casa é uma Árvore, Cooperativa Árvore, Porto; **1999** Metábole, Cooperativa Árvore, Porto; **1995** Galeria Municipal de Aveiro; **1994** Galeria São Bento, Lisboa; **1992** Galeria São Bento, Lisboa; **1991** Cooperativa Árvore, Porto; **1989** Galeria 111, Lisboa; **1988** Clube 50, Lisboa; **1985**

Galeria Presença, Coimbra; Clube 50, Lisboa; **1977** Galeria São Bento, Lisboa.

EXPOSIÇÕES COLECTIVAS

2008 Dez escultores Contemporâneos, Centro Cultural de Ilhavo; Do tempo que não corre, Cooperativa Árvore, Porto; **2007** Galeria São Mamede, Porto; Dez anos da Galeria ao Quadrado, Santa Maria da Feira; **2006** Workshop FCT/UNL; **2004** Objectos de memória, Galeria São Mamede, Lisboa; **2006** Arte Lisboa, Feira de Arte Contemporânea, Galeria São Mamede; **2003** Feira de Arte Contemporânea, Porto; **2002** Galeria Ao Quadrado, Santa Maria da Feira; **2001** Galeria Enes, Arte Contemporânea, Lisboa; **2000** Une Perspective Portugaise de L'art Contemporaine, Maison de L'Unesco, Paris; Amsterdiem Museum of Modern Art, Amesterdão; **1999** Uma visão sobre os anos 80/90 P.L.M.J., Sociedade de Advogados como Espaço de Cultura, Lisboa; **1997** Edifício Chiado, Coimbra; **1996** FAC, Exponor, Porto (Galeria São Bento); II Mostra de Escultura em Pedra, Cascais; Sequências, Confrontos e Rupturas, Arte Contemporânea, Festa do Avante, Seixal; **1995** FAC, Feira de Arte Contemporânea, FIL, Lisboa; **1994** Da Pedra, 4 Escultores Contemporâneos, Árvore, Porto; Nave, Espelho D'Água do T Clube; **1992** O Fascínio da Pedra, Galeria A Grade, Aveiro; **1989** 2º Fórum de Arte Contemporânea (Galeria 111), Fórum Picoas, Lisboa; Balneário D.Maria II, Lisboa; **1988** 1º Fórum de Arte Contemporânea, (Galeria 111), Fórum Picoas, Lisboa; **1987** Museu da

Casa Brasileira, São Paulo, Brasil; **1986** Esculturas no Jardim, SEC, Porto; **1985** Mercado Ferreira Borges, Porto; **1984** Exposição Ibérica de Arte Moderna, Campo Maior; **1982** Museu Santa Maria da Vitória, Batalha; Clube 50, Lisboa; **1981** AR.CO, Lisboa; Mértola; Portalegre.

OUTRAS INTERVENÇÕES

2007 II Simpósio de Escultura em Granito, Penafiel, I Simpósio de Escultura Soares da Costa, Porto; **2006** Simpósio de Escultura, Vila Pouca de Aguiar; **2002** 1º Simpósio de Escultura em Pedra de Alfândega da Fé (workshop); **1996** Semana da Pedra, Aveiro; **1994** 1º Simpósio em Pêro Pinheiro; **1991** XVIII Simpósio Internacional de Escultura em Pedra, Iwate, Japão; **1983/85** Estágio de Escultura no Mosteiro da Batalha; Simpósio Internacional de Escultura em Pedra, Porto (workshop); **1981** Estágio de escultura em Mértola; Assistente do Escultor Pierre Székely, no Simpósio Internacional de Escultura em Pedra, Évora (workshop).

PRINCIPAIS COLECÇÕES E OBRA PÚBLICA

Machado de Castro, Coimbra; Santa Maria da Vitória, Batalha; Comissão Coordenadora da Região do Norte, Porto; Câmaras Municipais de Almada, Albufeira, Cascais, Aveiro, Alfândega da Fé e Vila Pouca de Aguiar, Penafiel (Parque da cidade) e Portalegre (Muralha do Castelo); Presidência da República do Uruguai; Iwate Park, Japão; Fundação Mário Soares, Leiria; Centro Cultural Morgadinhos, Vilamoura; Escola D. Dinis, Lisboa; Amsterdam Museum of Modern Art, Amsterdão; FCT/UNL e em diversas colecções particulares.

PRÉMIOS

1º Prémio da Association Internationale des Arts Plastiques / UNESCO.



Tronco das margens do rio,
brecha de S^o António/ferro

Crescer..., Calcário



Rui Matos



Este sou eu,
Série "Entre Humanos", ferro



Rui Matos nasceu em Lisboa a 6 de Julho de **1959**.

Curso de Escultura da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, entre **1980** e **1987**.

Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian em **1993**.

Actualmente vive e trabalha próximo de Sintra.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

1987 Órgãos e Artefactos, Galeria de São Bento, Lisboa; Órgãos e Artefactos, Palácio da Cidadela, Cascais; **1989** Mediterrâneo com Isabel Augusta, Cooperativa Árvore, Porto; Primeira Ilha, Galeria de Colares, Colares; **1991** Enormidade, Sequência e Naufrágio, Carvalho e Araújo; Braga; Escultura com Pintura de Isabel Augusta, Centro Cultural de São Lourenço, Almancil; **1992** Escultura, Arco, Galeria Municipal de Arte, Faro; **1995** Escultura, Giefarte, Lisboa; Uma Estranha Natureza, Lagar de Azeite do Marquês de Pombal, Câmara Municipal de Oeiras, Oeiras; **1997** Escultura com Pintura de João Ribeiro, Galeria Enes, Lisboa; **2000** Escultura, Galeria Enes, Lisboa; **2001** Novas Esculturas em Ardósia, Giefarte, Lisboa; **2005** Objectos de Memória, esculturas em bronze, Giefarte, Lisboa; Transformações, Relatos Incertos, Galeria Cubic, Lisboa; **2007** Histórias Incompletas, Galeria Cubic, Lisboa; Esculturas recentes, Centro Cultural São Lourenço, Almancil, Sequência, Galeria Arthobler, Porto.

EXPOSIÇÕES COLECTIVAS SELECIONADAS

1984 10 Anos depois - S.N.B.A, Largos Horizontes, S.N.B.A; IV Bienal de Vila Nova de Cerveira (escultura colectiva), Vila Nova de Cerveira; **1985** Homenagem dos Artistas Portugueses a Josefa de Óbidos, E.S.B.A.L; Frutos, Flores, Peixes Voadores com

António Quina, Isabel Augusta e João Ribeiro, Palácio dos Coruchéus, Lisboa; I Bial de Açores e Atlântico, Ponta Delgada, Açores; **1986** III Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian A.I.C.A., Philae, S.N.B.A.; **1987** Colectiva Espaço Poligrupo Renascença com Isabel Augusta, Ivo Mateus e Teresa Silva, Oceano Atlântico, Marca Madeira, Madeira; Oceano Atlântico, Espaço Poligrupo Renascença; Noturnal, com Jorge Martins, Joaquim Bravo e David Almeida, Festival de Música dos Capuchos, Convento dos Capuchos; ESTRO, Fundação Calouste Gulbenkian, Estrada Marginal, Tecidos de Artista, Museu Nacional do Traje; **1988** Quatro Escultores Contemporâneos, Palácio Anjos, Algés; Jovem Escultura, Galeria São Bento, Lisboa; **1989** I Feira de Arte, Forum Picoas pela Galeria de Colares, Lisboa; Prémio Unicer, Casa de Serralves, Porto; Bicentenário do Ministério das Finanças, Lisboa. **1990** Jovens Artistas Portugueses, Barcelona; Três Escultores, Galeria Exhibit, Berlim; Galeria Teatro Romano, Lisboa; **1992** Arte Jovem, Chaves; O Fascínio da Pedra, Galeria Grade, Aveiro; **1993** Presidência Aberta, Palácio Nacional de Sintra, Sintra; Escultura na Quinta do Corvo com Nico de Winter e Volker Schnuttgen, Colares; Exposição do I Simpósio de Escultura em Pedra de Chaves, Chaves; **1994** Cooperativa Árvore com António Matos, José Esteves e Vítor Ribeiro, Porto; Convento de São Francisco com João Chichorro, Portalegre; Exposição do I Simpósio de Escultura em Pedra de Pêro Pinheiro no Espelho de Água, T Club, Lisboa; Seis Escultores, Biblioteca Nacional de Lisboa; Mostra de Escultura Portuguesa, Parque Marechal Carmona, C.M. Cascais; **1995** Arte Jovem, Forum da Maia, Maia; VIII Bial de Vila Nova de Cerveira; **1996** Segunda Mostra de Escultura de Exterior em Pedra, Cascais; Colectiva de Escultura, Galeria Municipal de Alverca; Colectiva de Escultura, Galeria Municipal de Monte Agraço; Arte Oeiras, Galeria Verney, Oeiras; **1997** Exposição de Escultura, Quintado Corvo com Alan St. George e Volker Schnüttgen, Colares; **1999** Uma visão sobre os anos 80/90, P.L.M.J., Sociedade de Advogados, Lisboa; **2001** FAC Lisboa por Galeria Enes; **2002** "100 Anos, 100 Artistas", S.N.B.A., Lisboa; Quatro



Em espera, Série "Entre Humanos", ardósia

Histórias de cabeça perdida, Série "Entre Humanos", ardósia



Artistas, Galeria ao Quadrado, Vila da Feira; **2004** “O Mágico no Interior do seu Círculo”, Quatro Artistas Contemporâneos, Biblioteca Municipal-Santa Maria da Feira; “Objectos de Memória”, Três Escultores, Galeria de São Mamede, Lisboa.

OUTRAS INTERVENÇÕES E OBRA PÚBLICA

1985/86 Monumento a Luís de Camões com Clara Meneres, Paris; **1993** Simpósio de Escultura em Pedra, Chaves; **1994** I Simpósio de Escultura em Pedra, Pêro Pinheiro Espelho de Água, Lisboa; **1996** IV Simpósio Internacional de Escultura de Durbach- Alemanha; Grupo de esculturas para edifício de escritórios na Avenida Duque de Ávila, Lisboa; **1997** “O Jardim das Esculturas”, I Simpósio de Escultura em Barro de Aveiro, Aveiro; **1999** Escultura Pública no Concelho de Cascais, Carcavelos e Madorna; I Simpósio de Escultura da E.P. S.T., Figueira da Foz; **2000** Escultura em Área de Serviço da SHELL na CREL, Norte; **2001** Fonte Pública na Igreja do Mártir Santo, Vila Franca de Xira, sob projecto do Arq^o Cândido Chuva Gomes; Escultura no Campo de Golf de Vila Sol, Albufeira; **2002** Realização de Escultura Mural no interior do Hotel Vila Rica em Lisboa; Escultura exterior para a Escola Básica 2-3 da Terrugem, Sintra; Participação no 1^o Simpósio de Escultura em Pedra de Alfândega da Fé; Participação no 9^o Simpósio Internacional de Escultura em Pedra das Caldas da Rainha; Escultura pública na Estrada do Guincho, junto à Boca do Inferno, C.M.Cascais; **2003** Monumento à Água na Escola Secundária de São Pedro do Sul; Escultura alusiva ao poeta João Ruiz Castelo-Branco, no Parque dos Poetas em Oeiras; Intervenção de quatro escultores no Caminho da Fonte Velha, em Belver, sob projecto de recuperação da autoria dos Arq^{os} Vítor Mestre e Sofia Aleixo; **2004** Participação no 3^o Simpósio de Escultura em Pedra de Alfândega da Fé; **2005** Realização do Portão da Barbacã do Castelo de Portalegre, intervenção sob projecto de recuperação do Arq^o Cândido Chuva Gomes; **2006** Relevo de parede, Colégio de São Sebastião, Câmara Municipal de Portalegre; Workshop de escultura, FCT/UNL, Campos da Caparica; **2007** Grupo de esculturas para conjunto de edifícios da Obrisol, Alverca; Participação no 2^o Simpósio de Escultura de Penafiel.



Subindo o labirinto de água,
Série “Entre Humanos”, ardósia

PRÉMIOS

1985 Menção Honrosa, I Bienal dos Açores e Atlântico, Ponta Delgada, Açores; **1986** Menção Honrosa, A.I.C.A., Philae S.N.B.A., Lisboa; **1988** Prémio Arte Jovem, Estoril-Sol; **1995** Prémio de Aquisição, Arte Jovem, Fórum da Maia, Maia; **1996** Menção Honrosa, Prémio Edinfor, Estoril-Sol.

REPRESENTAÇÕES EM COLECÇÕES PÚBLICAS

Caixa Geral de Depósitos, Lisboa; Museu Dr. Santos Rocha, Figueira da Foz; Fundação P.L.M.J., Lisboa.

